

FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA EDUCAÇÃO INFANTIL: A INTEGRAÇÃO NECESSÁRIA ENTRE EDUCAÇÃO E CUIDADO PARA UMA PRÁXIS PEDAGÓGICA EMANCIPATÓRIA

Sandra Regina Mantovani LEITE¹
Alonso Bezerra de CARVALHO²

RESUMO: Este estudo tem como objetivo principal apresentar a importância da formação de professores para a Educação Infantil, valorizando a integração entre a educação e o cuidado como função precípua no trabalho com crianças pequenas, como também pretende refletir sobre a importância da atuação do professor em processos de cultivo diálogo com a criança. Apesar de vivermos em uma sociedade contemporânea com mudanças legais que passam a considerar a criança como um sujeito de direitos é preciso refletir acerca das especificidades do fazer docente para esse momento tão especial da infância. Considera-se que as crianças que fazem parte das Instituições de Educação Infantil estão numa fase importante de suas vidas em que dependem intensamente dos adultos, sendo necessário auxiliá-las nas atividades que não conseguem realizar sozinhas, atendendo-as em suas necessidades básicas de segurança, nutrição, higiene, afeto e saúde e para tanto a atuação do professor mediador é essencial. Assim, o desafio que se estabelece quando o intuito é pensar a formação dos Professores da Infância é apresentar as especificidades da docência em Educação Infantil, como também as questões que envolvem a valorização desse profissional buscando uma relação dialógica comprometida com o desenvolvimento pleno da criança.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de professores. Criança. Relação Dialógica.

INTRODUÇÃO

Pretende-se neste artigo, parte de uma pesquisa de doutoramento intitulada: Educação, ética e amizade perpassando a relação professor e criança, apresentar a importância da formação de professores, sendo que o desafio que se coloca é o de pensar as especificidades da docência em Educação Infantil a partir da integração entre educação e cuidado na organização do trabalho pedagógico com a criança pequena. Além disso, objetiva-se apresentar a função eminentemente pedagógica como forma de atuar junto às crianças, haja vista que as mesmas fazem parte da educação infantil e estão num momento de suas vidas em que dependem intensamente dos adultos, sendo essencial auxiliá-las nas atividades que não conseguem realizar sozinhas, atendendo-as em suas necessidades básicas de segurança, nutrição, educação, higiene, afeto e saúde.

¹ Doutoranda em Educação. UNESP - Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Pós-Graduação em Educação Escolar. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 - smantovanileite@gmail.com

² UNESP - Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Filosofia e Ciências – Pós-Graduação em Educação. Marília – SP – Brasil. 17525-000 - alonsoprofessor@yahoo.com.br

Na minha história profissional, atuando na formação de professores tanto inicial como continuada, tenho vivenciado os dilemas e os desafios que se apresentam para a docência na educação infantil e é nesse sentido que percebo o quanto se faz necessário atuar junto à formação do professor da educação infantil em busca de uma educação de qualidade, que priorize atender às especificidades que o trabalho com crianças de 0 a 6 anos exige no atual contexto social. Para esse nível se requer um professor que se relacione com a criança e possibilite a relação entre os sujeitos, entendendo a criança como ser humano em processo de humanização cultural, com possibilidades, interesses e necessidades próprias do seu momento.

O entendimento de criança que permeia esta proposta é de um sujeito ativo que ao se relacionar com os outros em busca de novas intervenções e conhecimentos, vai constituindo a sua humanidade, e esta percepção traz um novo desafio na Formação de Professores e, também para as Instituições de Educação Infantil. Uma formação e uma Instituição preocupada com a qualidade nas interações estabelecidas no interior dos espaços educativos e que privilegie várias dimensões no desenvolvimento infantil: a dimensão epistemológica, a psicológica, a ética e a estética.

Estas dimensões precisam ser refletidas e desenvolvidas na organização do trabalho pedagógico, na elaboração de projetos que contemplem a criança como sujeito produtor de cultura. O professor da educação infantil precisa priorizar na sua atuação a busca por uma educação de qualidade, em que a relação entre os envolvidos (professor e criança) tenha o diálogo, o afeto, o cuidado, a educação e o acolhimento como base principal para uma educação emancipadora.

Nesse sentido, o professor de Educação Infantil precisa se reconhecer como professor, considerando as especificidades do seu trabalho, reconhecendo sua importância na vida e na formação das crianças pequenas. A profissionalidade deste educador está na “[...] efetivação de um cuidar que promova a educação, e de uma educação que não deixe de cuidar da criança, de atendê-la em suas necessidades e exigências essenciais desde a sua mais tenra idade” (ANGOTTI, 2008, p.19).

Para tanto, neste artigo organizamos a discussão em três momentos, no primeiro serão apresentadas algumas indicações sobre a formação do Professor de Educação Infantil. No segundo momento, destacamos a Instituição de Educação Infantil como espaço de emancipação da criança, e num terceiro momento apresentamos a relação entre educar, cuidar e acolher como formas de atuação necessária para alcançar a educação emancipatória.

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Quando analisamos a formação do profissional da educação temos claro que essa preparação não acontece isolada, descontextualizada da forma como vivemos na sociedade e da maneira como entendemos a escola e a criança, no caso específico da Educação Infantil. Muito se tem avançado teoricamente quando o assunto é infância e suas especificidades.

Com esse entendimento, a formação de professores, na maioria das vezes, por falta de interesse político e econômico, caminha em passos lentos. É bem verdade que muitas são as experiências que motivam os formadores de professores e as universidades a buscarem novas formas de trabalho e propiciarem uma educação de qualidade aos futuros profissionais (CHAVES, 2007).

Essas premissas vão ao encontro de defesas das políticas públicas voltadas para a infância na sociedade contemporânea, dentre elas, citamos: a Constituição Federal de 1988, que reconhece e defende a criança como um sujeito de direitos, principalmente o direito a uma educação de qualidade desde o nascimento; o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, que dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente; a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que estabelece a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica; e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, as quais “[...] destacam a necessidade de estruturar e organizar ações educativas com qualidade, articulada com a valorização do papel dos professores que atuam junto às crianças de 0 a 5 anos.” (OLIVEIRA, 2010, p.1).

Esses avanços em termos de discurso exigem do profissional de Educação Infantil um novo perfil para organizar práticas intencionalmente dirigidas ao pleno desenvolvimento da inteligência e da personalidade da criança pequena. Com esse panorama legal, os professores são desafiados a planejar e a desenvolver propostas pedagógicas que, no cotidiano de Instituições de Educação Infantil, deem voz e vez às crianças e acolham a forma por meio da qual elas dão sentido ao mundo.

O professor é um trabalhador intelectual e precisa utilizar da prática educativa buscando a transformação social. A atividade intelectual e “[...] intencional do educador que antevê o processo educativo de modo sintético, é, portanto, o elemento mediador que viabiliza essa transformação.” (OLIVEIRA, 1985, p.100).

Assim sendo, o professor com sua atividade mediadora intervém na prática educativa no sentido de instrumentalizar o indivíduo para sua atuação no meio social. Essa instrumentalização é possibilitada ao ser humano por meio do saber escolar, que é a ferramenta cultural necessária para intervir no mundo transformando-o. Portanto, faz-se necessário ressaltar que a formação dos professores precisa priorizar a democracia no espaço educativo e nas relações humanas. E é nesse sentido, que ao falarmos da formação de professores para Educação Infantil, se entende a importância de olhar para o outro como ser em desenvolvimento, que necessita de acolhimento e cuidados.

A educação, nesse sentido, precisa ser entendida, como ação e reflexão sobre a ação, como esforço histórico de auto constituição da humanidade. A educação é a obra da práxis humana, é por isso que somente pela educação é que o homem se torna homem. E é na instituição escolar que o professor consciente do seu papel pode atuar buscando a humanização da sociedade, por isso, “[...] os sujeitos da história não são somente os que educam – ou seja, os que modelam a maioria como matéria passiva; por isso, os educadores também precisam ser educados.” (PATTO, 2004, p.77).

Daí a importância de um trabalho comprometido e contextualizado, com formadores de professores que atuem valorizando a pesquisa como articuladora na resolução de problemas profissionais e na construção de uma autonomia profissional, individual e coletiva, que desenvolva uma fundamentação teórica sólida da ação docente no desenvolvimento humano. “A melhor maneira de formá-los é tomar essa prática e problematizar a luz da teoria e da pesquisa, num movimento permanente entre pensamento e ação.” (PATTO, 2004, p.77).

O professor pesquisador precisa estar consciente da sua atuação para enfrentar os desafios da sociedade e da escola contemporânea, deixando de ser um mero técnico científico, haja vista que formação é muito mais que domínio de conhecimento e aprendizagem de técnicas. Formação é exercício permanente de presença ativa no mundo, pensada a partir da perspectiva do compromisso ético, que utiliza do conhecimento, das técnicas, sem, contudo privilegiá-las. Sendo assim, a concepção do educador que se defende neste estudo é de um trabalhador intelectual que faz a sua parte na realização histórica, na humanização e emancipação da vida humana.

Segundo Formosinho (2009), os professores da Educação Infantil, como os professores de outros níveis de ensino, enfrentam dilemas e tensões na sua formação e na sua atuação, pois fazem parte de um grupo de profissionais que atuam junto ao desenvolvimento humano.

O conceito de profissionais de desenvolvimento humano abrange as profissões que trabalham com pessoas em contacto interpessoal directo, sendo essa interacção o próprio processo e parte significativa do conteúdo da intervenção profissional. (FORMOSINHO, 2009, p.7).

Dos profissionais de desenvolvimento humano³ fazem parte os profissionais da saúde⁴ e bem estar, do trabalho social, de trabalho comunitário e da educação. A menor valorização desses profissionais tanto no meio académico como na sociedade, segundo Formosinho (2009), tem a ver com alguns componentes que fazem parte do desenvolvimento das mesmas.

O componente de cuidados que a maioria das profissões de desenvolvimento humano exige, entendendo que a dedicação e o senso comum, o gosto e a missão/vocação prevalecem sobre a preparação intelectual.

Outro componente diz respeito ao carácter interativo e interpessoal do desempenho, isto é, “[...] o trabalho com pessoas é feito através da interacção com essas mesmas pessoas, sendo essa interacção o meio e a parte significativa do próprio conteúdo do desempenho.” (FORMOSINHO, 2009, p.9). Dessa forma, o sucesso ou o fracasso das atuações dependem do envolvimento dos sujeitos no processo. Este carácter interativo, tendo o cuidado como componente, faz com que os meios sejam sempre incertos, discutíveis e discutidos próprios do trabalho com pessoas.

A contingência do sucesso da intervenção à reação das pessoas é outro componente. Seres únicos, diferentes e com necessidades diferentes que levam o trabalho dos profissionais a uma inevitável margem de insucesso, que segundo Formosinho tem a ver com a reação das pessoas, ou seja, “[...] mesmo um desempenho profissional competente não garante o sucesso. A margem inevitável do insucesso é, em grande parte, a margem da liberdade humana.” (FORMOSINHO, 2009, p.11).

Esses componentes podem ser trabalhados na busca do seu enfrentamento e entendimento com uma formação inicial e permanente propiciada pelas universidades. As universidades têm como característica principal a produção autônoma do saber aliada ao ensino e a pesquisa.

³ Fazem parte deste grupo: assistentes sociais, educadores sociais, agentes familiares, animadores comunitários, professores, pedagogos, educadores sociais, formadores e coordenadores, entre outros.

⁴ Importante fazer à ressalva que a Medicina embora se enquadre segundo o autor no quadro dos profissionais de desenvolvimento humano, a mesma é considerada como uma ciência previsível e técnica controlando seguramente a interação com o paciente e se afastando das demais profissões que fazem parte do grupo e que são desvalorizadas pela sociedade contemporânea pela imprevisibilidade de suas ações.

Faz-se necessário valorizar e lutar para que o profissional da educação tenha realmente uma formação inicial e permanente que contribua efetivamente para que sua prática seja significativa. Sendo que, a formação dos profissionais que atuam na educação infantil deve proporcionar às crianças o contanto com as experiências vivenciadas pelos adultos integrando as suas vivências, permitindo que a criança atue como sujeito social, histórico e cultural.

Deste modo, os professores necessitam refletir constantemente sobre sua prática, tendo para tanto uma fundamentação crítica coerente para com isso criar estratégias e atuar de forma comprometida, desvalorizando o uso de receituários e/ou manuais.

A formação de profissionais da educação infantil precisa ressaltar a dimensão cultural da vida das crianças e dos adultos com os quais convivem, apontando para a possibilidade de as crianças aprenderem com a história vivida e narrada pelos mais velhos, do mesmo modo a que os adultos concebam a criança como sujeito histórico, social e cultural. Reconhecer a especificidade da infância, sua capacidade de criação e imaginação, requer que medidas concretas sejam tomadas, requer que posturas concretas sejam assumidas. (KRAMER, 2005, p.129).

Subvertendo a ordem estabelecida, impulsionada pela paixão e pelo desejo, a criança está sempre pronta para mostrar outra possibilidade de apreensão das coisas do mundo e da vida, mas é mister que os adultos mais experientes que são responsáveis pela educação da criança, tenham uma elevação no seu nível de desenvolvimento intelectual.

O professor como agente de mudanças e promotor do saber precisa utilizar de sua atividade docente com a função de afetar, de sensibilizar os envolvidos nesta experiência que estejam dispostos a dar-lhe significado. O significado se efetiva à medida que as pessoas aprendem e apreendem envolvidas numa experiência em que são afetadas por ela, seja pela palavra, seja pela linguagem, por um gesto ou simplesmente por estarem dispostas a buscar a compreensão acerca de si ou do mundo.

Assim, para proporcionar o desenvolvimento de uma criança o professor deverá refletir sobre os acontecimentos de sua prática, permitindo que ela conheça em diferentes vivências, que tenha acesso às diferentes culturas e modos de vida; estimulando o entrelaçamento de suas vivências aos novos conhecimentos, favorecendo o pensamento e a reflexão sobre essas diferenças para que tenha condições de se apropriar da cultura existente reproduzindo-a e modificando-a, aceitando o diferente e ao mesmo tempo ampliando seus conhecimentos.

A INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL E A PRÁXIS EMANCIPADORA

A instituição escolar é um instrumento importante de participação e disseminação cultural. O trabalho educativo que acontece por meio da escola precisa possibilitar aos que a frequentam a oportunidade de formarem-se, tornando-se homens e que tenham diante de si formas para realizar sua própria individualidade de maneira produtiva para eles e para a coletividade.

Se a existência humana não é garantida pela natureza, não é uma dádiva natural, mas tem que ser produzida pelos próprios homens, sendo, pois, um produto do trabalho, isso significa que o homem não nasce homem. Ele forma-se homem. Ele não nasce sabendo produzir-se homem. Ele necessita aprender a ser homem, precisa aprender a sua própria existência. Portanto, a produção do homem, é ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é um processo educativo. A origem da educação coincide, então, com a origem do homem mesmo. (SAVIANI, 2007, p. 154).

Objetivar a humanização dos homens requer à instituição escolar e conseqüentemente aos professores, uma ressignificação quanto ao que deve ser valorizado na organização do trabalho pedagógico. O primeiro ponto, como já citado acima, diz respeito à socialização dos conhecimentos historicamente acumulados pela sociedade às gerações mais novas, para que possam se apropriar da cultura e também transformá-la, aqui se encontra a função social da escola no sentido de proporcionar conhecimentos para autonomia e emancipação.

O segundo ponto a ressaltar diz respeito à função social da instituição escolar em busca do “viver bem”, ou seja, a dimensão social da educação que diz respeito “[...] à formação do cidadão tendo em vista sua contribuição para a sociedade, na construção de uma ordem social mais adequada à realização do viver bem de todos.” (PARO, 2007, p.16). Essa dimensão seria entendida como a educação para a democracia, o que a aproxima da dimensão ética do processo educativo se interligando com a cidadania e com a democracia, ou seja, a relação do homem com os outros homens.

É importante ressaltar que o ambiente escolar, espaço essencial onde se objetiva a apropriação do saber elaborado, intencional tanto para os professores como para os educandos é desprovido de importância, sobretudo no relacionamento entre o ser professor e o ser criança, não garantindo a compreensão para os envolvidos de se entenderem como pessoas que se conduzem diante de seus semelhantes.

A falta de valorização do outro, do reconhecimento do outro e de se ver no outro, faz com que aquilo que se vive no espaço pedagógico não tenha nada a ver com um ou outro. Percebe-se que no ambiente da escola, ao final do dia, tanto professores como crianças saem da instituição, mudos, sem ter o que dizer, pois foram expropriados da sua própria vontade por meio de dispositivos que encarceram e hierarquizam o fazer docente e separam os dois sujeitos que fazem parte do mesmo espaço – a instituição de educação infantil.

Dessa forma, a escola como instituição social acredita manter aprisionada intramuros a infância, fenômeno denominado tanto na literatura especializada quanto na imprensa falada e escrita por uma espécie de *confinamento da infância*, no seu sentido de encurtamento, privação, limite, enclausuramento e encerramento (PINTO, 2007). As crianças são confinadas em instituições educativas que se pautam em modelos burocráticos, hierárquicos e marcados por relações de poder autoritárias, e assim perdem espaços importantes de sociabilidade, relacionamento com o outro, desenvolvimento de valores e produção de cultura.

Considerando que este confinamento da infância vem se dando principalmente em instituições especializadas, particularmente em instituições educativas, faz-se necessário entender tal processo como uma construção histórica, resultado de relações que foram se estabelecendo no interior da sociedade capitalista e, portanto passíveis de mudança.

Os professores e a instituição escolar, especificamente as instituições de Educação Infantil, precisam colocar-se na contramão desse processo de confinamento e se empenhar em reconhecer a importância da dimensão ética e do relacionamento solidário e respeitoso alicerçado na amizade e na construção do ser humano.

Para que as especificidades da aprendizagem e desenvolvimento da criança aconteçam em sua plenitude, é necessário que as necessidades da mesma como sujeito sejam definidas e priorizadas na proposta pedagógica da instituição e concretizadas por meio das ações do profissional da educação infantil, consolidando assim uma educação baseada no relacionamento, no diálogo, na participação e em valores.

Utilizando o espaço da instituição de educação infantil em favor da solidariedade e do sentimento de afeição, da simpatia, da estima e da ternura entre as pessoas.

Reconhecer que meninas e meninos têm direito de escolha [...] como também adotar uma atitude de aceitação das preferências individuais.

Garantir que todos sejam ouvidos, escutar com atenção as explicações infantis ou respeitar a ordem e a estética nas produções das crianças é, por sua vez, uma postura de defesa da expressão de sentimentos e pensamentos. [...] possibilitando interações de crianças mais velhas e mais novas, é uma das maneiras de defender o direito à diversidade. (MACHADO, 2004, p.3).

Assim, o professor de crianças pequenas deve agir e refletir no sentido de considerar a criança como um ser integral, histórico, social, cultural, cidadã detentora de direitos, repleta de singularidades, necessidades e potencialidades, além de direcionar sua ação de maneira que efetivamente contribua para o desenvolvimento integral da criança, potencializando suas aquisições, construções e produção de saberes.

Para que a apropriação do conhecimento e desenvolvimento da criança aconteça de forma emancipatória e em busca de uma educação que proporcione a autonomia e a cidadania, o professor da Educação Infantil medeia as relações estabelecidas na escola e, junto com as crianças, organiza e desenvolve ações educativas que desafiem a criança a se apropriar de novos significados culturais, novas formas de ver e viver a cultura e o que está ao seu redor.

Para reverter esse quadro triste da escola que ocupa o tempo das crianças sem cumprir seu papel humanizador, tenho apostado num percurso de formação docente com base no pressuposto de que falta na formação docente uma teoria que possibilite compreender o processo educativo e, a partir daí, crie as condições para a intervenção intencional do docente no processo de humanização que acontece na escola, visando formar e desenvolver nas crianças as qualidades humanas em suas máximas possibilidades. (MELLO, 2014, p. 174).

O professor é aquele que proporciona ações que integram a educação e o cuidado, o acolhimento e o afeto, propiciando uma relação ética e amigável. Faz do espaço educativo um lugar acolhedor e emancipador, no sentido de propiciar situações inovadoras de aprendizagem às crianças. O professor é o protagonista experiente e faz com que as crianças se tornem protagonistas da sua aprendizagem e do seu desenvolvimento.

EDUCAR, CUIDAR E ACOLHER: INTEGRAÇÃO NECESSÁRIA

Na Educação Infantil, os aspectos relacionados ao cuidado e ao acolhimento são prioritários. A educação e o fazer pedagógico junto às crianças pequenas e pequenininhas não descartam de forma alguma as formas de cuidado/acolhimento,

porque defendemos a indissociabilidade de educar e cuidar nesse primeiro nível da Educação Básica.

Em estudos apoiados na Filosofia da Educação, é possível perceber outros entendimentos com relação ao conceito de cuidado e que parecem ser pertinentes ao desenvolvermos esta reflexão sobre a Educação Infantil: o cuidado não se relaciona apenas e exclusivamente à necessidade de higiene ou cuidados com o corpo.

O cuidado implica em cuidar do outro em toda sua dimensão humana. Segundo Macêdo e Dias (2006) o termo cuidado é derivado do latim *cogitatus* e que apresenta uma dupla função de entendimento. No primeiro sentido, refere-se à atividade de pensamento, com a função de adjetivo e particípio do verbo cuidar, implicando em pensado, calculado, suposto, meditado. O segundo entendimento da palavra refere-se ao campo das emoções, aparece com a função de substantivo masculino, significando desvelo, solicitude, diligência, vigilância, precaução.

Dessa forma, pode-se afirmar que a prática do cuidado também apresenta duplo sentido, um no campo da ação do pensamento, reflexão, e outro no campo da aplicação do espírito, apresentando-se em atitudes de relacionamento para com o outro. Nesse sentido e principalmente tendo como foco a criança na Educação Infantil, pode-se afirmar que cuidar abrange aspectos cognitivos e afetivos.

O cuidado se relaciona com a dimensão ética na prática educativa, o ser humano precisa ser visto como pessoa, valorizado como pessoa e a atuação do professor precisa proporcionar aos que estão na condição de aprendentes as possibilidades de se construírem como seres humanos. Estas “[...] são contribuições da arte de viver que devem ser consideradas na educação, se quisermos educar pessoas com capacidade de decidir e conduzir suas vidas.” (HERMANN, 2008, p. 26).

[...] o carácter vinculante do cuidado, como modo de ser e estar uns com os outros num mundo freneticamente impulsionado pelo desenvolvimento técnico-científico, politicamente gerido, e regido por leis, que um só imperativo, único e primordial, deve ter vigência: a responsabilidade como princípio e os corolários da sua aplicação. (BORGES-DUARTE, 2010, p. 126).

Desse modo, as reflexões sobre a educação de crianças implicam discussões sobre o cuidado como principal responsabilidade e, conseqüentemente, o acolhimento em decorrência. Faz-se necessário valorizarmos o ser e estar juntos, os momentos em que estamos com as crianças. Criar outra forma social de cuidado. É preciso cultivar

aquilo de que se cuida, fazer frutificar e transformar as relações que se estabelecem no interior das instituições de Educação Infantil, de tal modo que educar as crianças exija formá-las para tomar cuidado de si própria e dos outros, e não só deixá-las receber cuidados dispensados por um poder, qualquer que ele seja, e em nome de alguns saberes, quaisquer que eles sejam (BORGES-DUARTE, 2010).

O processo de cuidado e educação das crianças pequenas se torna mais efetivo e, por conseguinte, prazeroso quando há um envolvimento real, uma sintonia entre quem cuida e quem é cuidado, por meio da qual a professora é capaz de ler as múltiplas expressões das crianças, suas formas diferenciadas de comunicação e ação e intervém no sentido de acolher e envolver a criança no espaço educativo, contribuindo para o desenvolvimento integral da mesma, o que pressupõe a indissociabilidade de ambas as ações. (MACÊDO; DIAS, 2006, p.5).

Nessa perspectiva, faz-se necessário afirmar que o professor por meio da sua atuação com práticas que valorizam o educar e o cuidar potencializa habilidades, conhecimentos e experiências que contribuem para o desenvolvimento pleno da criança. Esse trabalho que tem como foco o outro e o relacionamento entre os pares contribui para a educação democrática, de uma prática pedagógica que priorize a emancipação da criança, sujeito de direitos e entendida como cidadã.

Assim, reafirmando a necessidade de possibilitarmos às crianças um desenvolvimento integral, em que elas se sintam valorizadas como pessoas e valorizem o outro como pessoa, torna-se essencial definir propostas pedagógicas concretizadas por meio de práticas educativas que favoreçam o diálogo, a participação e a negociação. Sobretudo, práticas pautadas em valores que proporcionem às crianças direito de expressar seus pontos de vista, de ter voz e vez, com possibilidades de compartilhar ideias, experimentar o mundo, transformando a Instituição de Educação Infantil um espaço de comunicação, de apropriação de conhecimentos e, conseqüentemente, de humanização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática docente na educação infantil, considerando o que ressaltamos até aqui, precisa valorizar a criança como sujeito de direitos, ativo, participante, protagonista, como ser histórico e social que se apropria da cultura existente reproduzindo-a e

modificando-a e por isso tem um papel importantíssimo para que a aprendizagem e o desenvolvimento dessa criança aconteça de forma plena e integral.

Nesse sentido, acreditamos que a especificidade da docência do professor de educação infantil está em assegurar por meio da sua atuação a integração da educação e do cuidado em todos os momentos. A criança tem necessidade e direito de ser cuidada e acolhida como pessoa. E isto implica em atender suas individualidades, compreender suas manifestações emocionais, agir sobre elas, acatá-las como linguagem própria das crianças pequenas, dar e receber afeto, proporcionar o desenvolvimento da autonomia, por fim, contribuir para a constituição do eu da criança (MACÊDO; DIAS, 2006).

É preciso considerar na relação professor e criança a amizade e o respeito, pois como cidadãos, faz-se necessário privilegiar e valorizar a igualdade. O oposto desta relação é o autoritarismo nas relações humanas, em que apenas uma vontade é levada em consideração, sendo que as demais vontades e emoções são a estas subjugadas como de menor valor ou menor importância.

[...] a amizade e a cidadania se aproximam devido ao elemento necessário a sua realização, isto é, à vida em comunidade, bem no estilo das relações familiares. Experimentar a amizade é considerar a possibilidade de uma vida justa e virtuosa, fundada no compartilhar do que é agradável, no desejo de fazer bem ao outro e de se exercitar na direção de atitudes não baseadas nos interesses individuais, fonte de conflitos permanentes, mas nos colocando como membros de uma comunidade, como pertencentes a uma coletividade. (CARVALHO; COLOMBANI, 2010, p.9).

Portanto, a amizade é uma chance que temos de viver com os outros e para os outros, e nessa relação de amigos podemos crescer, viver bem e para o bem, nos corrigirmos e sermos exemplos para os outros, confirmando a máxima: *é dos seres virtuosos que aprendemos a virtude* (CARVALHO; COLOMBANI, 2010).

Assim sendo, um dos maiores objetivos do professor de educação infantil ao trabalhar com a criança de uma forma autônoma e em busca da realização da função social da educação é favorecer a cidadania e a democracia dentro das instituições de educação infantil. “Buscar formas de ouvir as crianças, explorando as suas múltiplas linguagens, tem como pressupostos a crença de que elas têm o que dizer e o desejo de conhecer o ponto de vista delas.” (CRUZ, 2007, p. 13). O que as crianças falam, sentem e expressam por diferentes formas de linguagem pode e deve subsidiar ações a seu favor e contribuir para que as instituições de educação infantil e até mesmo os cursos de

formação de professores possam contribuir para mudanças que beneficiem as crianças, haja vista que o ponto de vista da criança traz elementos que muitas vezes o adulto não consegue perceber e/ou valorizar, fortalecendo e construindo melhores condições para que a mesma viva a sua infância.

Reiteramos que o desenvolvimento de ações por parte do professor e da sua relação com a criança, de forma consciente, por meio de uma mediação dialógica irá contribuir efetivamente para uma educação infantil de qualidade para todos, além de contribuir para um fortalecimento profissional das professoras da infância diante do reconhecimento da importância e especificidade do fazer docente na educação infantil.

Diante do exposto avalia-se a importância desta discussão para a formação de professores, especialmente, porque se compreende que o trabalho na instituição escolar que valorize a indissociabilidade entre o educar, cuidar e o acolher poderá possibilitar aos envolvidos no processo educativo, uma educação humana e emancipadora que contemple o outro, em que professor e criança sejam afetados pela reflexão de seus limites, de suas possibilidades, de uma interação de amizade e respeito alicerçada nas várias dimensões da prática docente que priorize as relações humanas e que favoreça a emancipação.

***TEACHER EDUCATION FOR CHILDHOOD EDUCATION: INTEGRATION
BETWEEN REQUIRED EDUCATION AND CARE FOR EDUCATIONAL PRAXIS
EMANCIPATORY***

ABSTRACT: *This study aims to present the importance of teacher training for early childhood education, enhancing the integration of education and care as a primary function in working with small children, as also intends to reflect on the importance of teacher performance in processes growing dialogue with the child. Though we live in a modern society with legal changes that began to consider the child as a subject of rights is necessary to think about the specifics of teaching to make this special moment of childhood. It is considered that children who are part of the Early Childhood Education Institutions are an important stage of their lives when they depend on adults intensely, being necessary to assist them in activities that cannot perform alone, meeting them in their basic security needs , nutrition, hygiene, and health and affection for both the facilitator's role is essential. So the challenge that is established when the intention is to think the training of Childhood Teachers is to present the specifics of teaching in Early Childhood Education, as well as issues surrounding the valuation of this professional seeking a committed relationship of dialogue with the full development of the child.*

KEYWORDS: *Teacher training. Child. Dialogic relationship.*

REFERÊNCIAS

ANGOTTI, M. (Org.). **Educação infantil:** para que, para quem e por quê? Campinas: Alínea, 2008.

BORGES-DUARTE, I. A Fecundidade Ontológica da Noção de Cuidado de Heidegger a Maria de Lourdes Pintasilgo. **Ex æquo**, Lisboa, n. 21, p. 115-131, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/aeq/n21/n21a09.pdf>>. Acesso em: 3 set. 2015.

CARVALHO, A. B ; COLOMBANI, F. Filosofia e educação: amizade na sala de aula. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (Org.). **Caderno de formação: formação de professores: educação, cultura e desenvolvimento.** v.2. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 60-73.

CHAVES, M. Práticas educativas e formação em serviço: reflexões e desafios que se apresentam aos profissionais da infância. In: RODRIGUES, E.; ROSIN, S. M. (Org.). **Infância e práticas educativas.** Maringá: Eduem, 2007. p.175-186.

CRUZ, S. H. V. **A criança fala:** a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2007.

FORMOSINHO, J. Dilemas e tensões da atuação da universidade frente à formação de profissionais de desenvolvimento humano. **Cadernos de Pedagogia Universitária**, Universidade do Minho, Portugal, p.7-39, 2009.

HERMANN, N. Ética: a aprendizagem da arte viver. **Educação e Sociedade**, Campinas, v.29, n.102, p. 15-32, jan./abr. 2008.

KRAMER, S. Formação de profissionais de educação infantil: questões e tensões. In: MACHADO. M. L. A. **Encontros e desencontros em educação infantil.** 2.ed. São Paulo: Cortez, 2005. p.117-132.

MACHADO, M. L. Por uma pedagogia da educação infantil. **Revista Pátio**, v.2, n.5, p.6-8, ago./nov. 2004.

MACÊDO, L. C.; DIAS, A. A. O Cuidado e a Educação Enquanto Práticas Indissociáveis Na Educação Infantil. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29., 2006, Caxambu, MG. **Educação, Cultura e Conhecimento na Contemporaneidade:** Desafios e Compromissos, Caxambu, 2006.

MELLO, S.A. Teoria Histórico-Cultural e Trabalho Docente: Apropriação Teórica e Novas Relações na Escola. In: MILLER, S.; BARBOSA, M. V.; MENDONÇA, S. G. de L. (Org.). **Educação e Humanização:** as perspectivas da teoria histórico-cultural. Jundiaí: Paco Editorial, 2014. p.173-181.

OLIVEIRA, Z. R. de. **O currículo na educação infantil:** o que propõem as novas diretrizes nacionais? In: SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO: PERSPECTIVAS ATUAIS, 1., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, nov. 2010.

OLIVEIRA, B. A prática social global como ponto de partida e de chegada da prática educativa. In: OLIVEIRA, B; DUARTE, N. **Socialização do Saber Escolar**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1985. p.91-104.

PARO, V. H. **Gestão Escolar, Democracia e Qualidade de Ensino**. São Paulo: Ática, 2007.

PATTO, M. H. S. Formação de professores: o lugar das humanidades. In: LEITE, R. L. (Org.). **Trajetórias e perspectivas da formação de educadores**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2004. p.61-78.

PINTO, M. R. B. Tempo e Espaços Escolares: o (des)confinamento da infância. In: QUINTEIRO, J.; CARVALHO, D. C. de. (Org.). **Participar, brincar e aprender: exercitando os direitos da criança na escola**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin; Brasília, DF: CAPES, 2007. p.91-116.

SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.12, n.34, p. 152-165, jan./abr. 2007.